

Em ação

Juntando forças para construir um sistema alimentar resiliente, sustentável, seguro e saudável!



Maio 2022

Numa palavra 2

Envolvido 3

A WUWM junta-se à Rede Técnica de Peritos Municipais em Mercados Urbanos de Alimentos lançada pela FAO/RIKOLTO

Entrevista 4

com Charlotte Flechet, Diretora do Programa Global – Cidades Alimentares Inteligentes, Rikolto

Em destaque 7

Saiba como a ONU está a repensar os sistemas alimentares, propondo o desenvolvimento de «abordagens territoriais» para Desenvolvimento Sustentável

Em factos 9

Em foco 10

Iniciativa 'Gosto do Meu Mercado' | 'Love Your Local Market' 2022 "Apoio o meu mercado local = apoio a produção local e os circuitos curtos!"

Entrevista 11

com David Preston, Chefe Executivo da NABMA

Inovação 15

Conheça as principais descobertas de «Moving Market Places» (MMP), o projecto de investigação de base europeia sobre mercados de alimentos frescos de rua

Em ação 18

A WUWM coorganizou o webinar «Construir sistemas alimentares sustentáveis e resilientes: Integrar Sistemas de Mercado no Centro das Ligações Urbano-Rurais»

Entrevista 20

com Richard McCarthy, Presidente da Coligação Mundial de Mercados de Agricultores

Informação 24

Aprenda sobre sistemas alimentares sustentáveis com Luke Tay, membro do Singapore FutureScapes de Singapura

Em eventos 28

A WUWM participou na primeira reunião do Grupo Consultivo Multilateral sobre Cadeias de Abastecimento Agrícolas Responsáveis da OCDE-FAO

No mundo da WUWM 28



Numa palavra

Caros Leitores,

Desde 2020, o mundo tem vivido um período de extrema incerteza, continuamente exacerbado por emergências sanitárias, climáticas e políticas. Estas perturbações têm afetado drasticamente as cadeias de abastecimento alimentar em todo o mundo, mostrando como os sistemas alimentares são realmente frágeis. Este cenário desafiante exige uma nova forma de pensar e agir no nosso sector. A curto prazo, temos de ser capazes de nos adaptar muito mais rapidamente à mudança e de desenvolver mecanismos que reforcem a ação coordenada e nos permitam prevenir ruturas alimentares e crises alimentares. A longo prazo, é imperativo desenvolver ecossistemas sustentáveis que garantam a segurança alimentar para todos e abordem questões de saúde planetária como emissões zero, saúde do solo e preservação ambiental.

Isto significa que precisamos de adotar novas abordagens que possam trazer soluções concretas para este complexo objetivo. Precisaremos de entrelaçar políticas e projetos, incluindo agricultura, planeamento urbano, saúde pública, coesão territorial, transportes e ambiente. Esta abordagem sistémica exigirá parcerias multistakeholder que incluam todos os atores ao longo da cadeia de valor alimentar, tanto públicos como privados. Agricultores, mercados grossistas, retalhistas, logísticos, governos, organizações internacionais e outros intervenientes do sector alimentar devem unir forças e agir em cooperação.

A WUWM trabalha para este objetivo de uma forma consistente e concreta, funcionando como uma ponte que liga «farm to fork». Atualmente, cerca de 50% dos produtos frescos a nível mundial passam pelos mercados grossistas, ligando os alimentos frescos que são cultivados nas zonas rurais, ao seu destino urbano.

A newsletter deste mês é dedicada aos projetos e parcerias altamente eficazes que estabelecemos para criar uma dinâmica e melhorar a transformação dos nossos sistemas alimentares.

Como maio é o mês da nossa iniciativa 'Gosto do Meu Mercado' (LYLM), estamos a concentrar-nos no importante tema dos ambientes alimentares locais e sustentáveis. A ambição do LYLM é atrair e incentivar o maior número possível de pessoas a fazer compras em mercados de rua de alimentos frescos. Os mercados municipais



de alimentos frescos, também chamados «mercados de agricultores», são os pontos de venda de alimentos mais eficazes que as cidades podem fomentar para promover dietas saudáveis e assegurar produtos frescos disponíveis e acessíveis para os seus cidadãos. Este ano, o lançamento da iniciativa será em Lisboa, Portugal e celebrada em mais de 3000 mercados de produtos alimentares frescos em todo o mundo.

Entrevistas com especialistas mundialmente conhecidos do sector alimentar podem ser encontradas nesta edição de «Em Ação». São discutidos mercados de alimentos frescos de rua, juntamente com um resumo de eventos que a WUWM tem vindo a organizar ou a participar com outros intervenientes importantes para criar novas formas de fazer e pensar dentro do nosso sector.

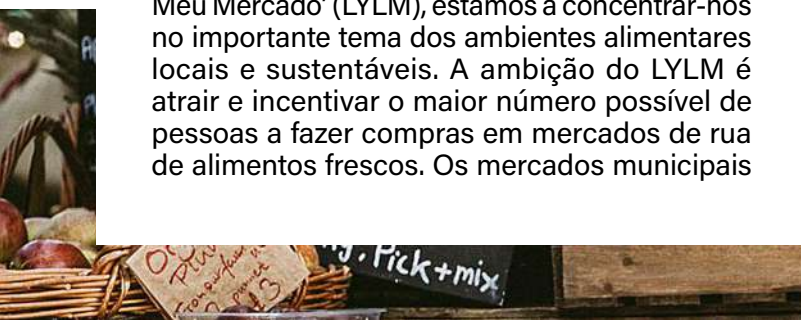
Vamos encontrar soluções para fazer de uma alimentação saudável a mais fácil de escolher para cada cidadão em todo o mundo!

Gostaria de agradecer pessoalmente a todos os nossos membros e organizações parceiras que cooperam connosco e partilham os mesmos valores e objetivos.

Espero vê-lo em breve num dos eventos do 'Gosto do Meu Mercado'!

Com os melhores cumprimentos,

Stephane Layani,
Presidente da WUWM





Envolvido:

3 A WUWM junta-se à “Rede Técnica de Peritos Municipais em Mercados Urbanos de Alimentos” lançada pela FAO.

A «Rede Técnica de Peritos Municipais em Mercados Urbanos de Alimentos» é uma plataforma de partilha criada pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) com o apoio da ONG RIKOLTO. O objetivo da plataforma é reforçar o conhecimento técnico e o apoio aos governos locais no desenvolvimento de políticas alimentares municipais bem sucedidas através da partilha das melhores práticas e de casos de estudo importantes. As cidades podem desempenhar um papel significativo no funcionamento e gestão dos sistemas de mercado, mas muitas vezes carecem de conhecimentos e iniciativa na promoção de políticas alimentares sustentáveis e saudáveis. Esta rede explora o potencial de uma relação cooperativa cidade-mercado e reduz quaisquer lacunas de conhecimento através da partilha de experiências e conhecimento.

A WUWM foi convidada a juntar-se à rede como membro permanente e a tornar-se uma voz de liderança durante o evento de lançamento desta inovadora rede. Estamos realmente desejosos de contribuir mais com a nossa experiência de mercado.

“O objetivo da plataforma é reunir representantes dos municípios e peritos dos sectores de gestão urbana e de mercado para reforçar os conhecimentos técnicos dos governos locais em políticas alimentares municipais bem sucedidas.”



Food and Agriculture
Organization of the
United Nations



Entrevista com Charlotte Flechet

4 Diretora do Programa Global – Cidades Alimentares Inteligentes, Rikolto, sobre o lançamento da “Rede Técnica de Peritos Municipais em Mercados Urbanos de Alimentos”

A RIKOLTO é uma organização não governamental internacional que trabalha em conjunto com organizações de agricultores e partes interessadas da cadeia alimentar em todo o mundo, a fim de combater a insegurança alimentar, as alterações climáticas e a desigualdade económica. A RIKOLTO apoiou a FAO no estabelecimento da «Rede Técnica de Peritos Municipais em Mercados Alimentares Urbanos». Tivemos o prazer de entrevistar Charlotte Flechet, Diretora do Programa Global de Cidades Alimentares Inteligentes da RIKOLTO, sobre a recém-lançada Rede Técnica e os seus objetivos.

Poderia partilhar com os nossos leitores o que é a «Rede Técnica de Peritos Municipais em Mercados Alimentares Urbanos»?

A ‘Rede Técnica de Peritos Municipais em Mercados Alimentares Urbanos’ foi lançada em abril de 2022 para criar um espaço onde os peritos municipais e outros interessados podem partilhar as suas experiências e gerar novas ideias sobre como melhorar os mercados alimentares urbanos para que possam contribuir para sistemas alimentares mais sustentáveis. Vários estudos têm demonstrado que padrões alimentares pouco saudáveis podem ser ligados à compra de alimentos em pontos de venda específicos. Os mercados urbanos são portanto um importante ponto de entrada para apoiar a adoção de dietas saudáveis, uma vez que têm o potencial de melhorar a acessibilidade, disponibilidade e acessibilidade económica de alimentos diversos, produzidos localmente, sazonais, saudáveis e nutritivos.

As cidades têm uma influência considerável na forma como os mercados são geridos, mas devido à falta de dados sobre os mercados territoriais e a sua relevância para as dietas dos consumidores, são frequentemente deixadas de fora das estratégias para promover as economias locais e melhorar a nutrição. Ao mesmo tempo, os peritos municipais estão frequentemente ansiosos por aprender com outras cidades que estão a lidar com desafios e oportunidades semelhantes. É por isso que a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) lançou esta ‘Rede de Peritos Municipais em Mercados Alimentares Urbanos’, com o apoio da Rikolto, no âmbito da Agenda Alimentar Urbana da FAO. A rede envolve atualmente mais de 20 cidades intermediárias e metropolitanas da América Latina e África, divididas em três grupos linguísticos.

A rede inclui também 3 cidades convidadas: Montpellier (França), Valência (Espanha) e Leuven (Bélgica), que se juntarão em vários momentos dos intercâmbios para trazerem ideias a partir das suas próprias experiências no terreno. Podemos pensar, por exemplo, no ‘Marché d’Intérêt National’ (MIN) em Montpellier, que desempenha um papel fundamental na promoção de cadeias alimentares curtas e da soberania alimentar na cidade, ou ‘La Tira de Contar’ em Valência, que permite aos agricultores locais comercializar os seus produtos frescos diretamente no mercado municipal.





Quem são os peritos técnicos que irão participar na rede?

Os peritos são principalmente funcionários de municípios parceiros com um mandato específico para supervisionar ou gerir os mercados públicos. Em alguns casos, há apenas um representante por município e, noutros casos, há vários participantes com diferentes responsabilidades relacionadas com a gestão de mercados na sua cidade. Dependendo do tema discutido, outros intervenientes do meio académico ou da sociedade civil são convidados a contribuir.

Quais são os principais desafios que a rede irá encontrar?

Os mercados alimentares urbanos sustentáveis e inclusivos podem contribuir para enfrentar uma variedade de desafios críticos económicos, ambientais e de saúde, encorajando o consumo de alimentos frescos e nutritivos e estimulando as economias locais e resilientes quando se ligam diretamente aos produtores locais. Estão previstas sete trocas para este ano: 2 num grupo plenário com todas as cidades e 5 por grupo linguístico com aproximadamente 7 cidades em cada uma. As bolsas serão estruturadas em 3 pilares: mercados grossistas, mercados retalhistas e mecanismos de governação para mercados de sucesso. Embora o conteúdo dos debates varie em função dos interesses dos participantes em cada grupo, antecipamos que as seguintes questões irão provavelmente figurar no topo da agenda: Que mecanismos podem ser postos em prática para incluir os pequenos produtores de alimentos na vizinhança e nos mercados? Que modelos de negócio podem ajudar a tornar a distribuição de alimentos e a logística mais eficientes para aumentar a acessibilidade económica dos alimentos frescos locais? Que mecanismos e modelos podem encorajar iniciativas alimentares circulares para reduzir a perda e o desperdício de alimentos nos mercados? E como podem as estratégias alimentares e os conselhos alimentares influenciar a forma como os mercados são geridos e apoiar a emergência de novas iniciativas? Em última análise, os mercados públicos são um sistema e precisam de ser abordados de uma perspetiva holística centrada na melhoria das relações entre os atores.

“Vários estudos demonstraram que padrões dietéticos pouco saudáveis podem estar ligados à compra de alimentos em pontos de venda específicos.”

Que tipo de políticas e práticas urbanas a nível municipal poderiam ser implementadas, por exemplo?

Os municípios dispõem de uma grande variedade de instrumentos e ferramentas para tornar os mercados urbanos mais eficientes, sustentáveis e inclusivos, quer através de incentivos políticos como o ordenamento do território, regulamentos que regem as interações entre diferentes tipos de mercado e atores, investimentos em infraestruturas (por exemplo, em cadeias de frio e plataformas logísticas), quer através do reforço da capacidade dos operadores do mercado (por exemplo, em matéria de segurança alimentar). Um exemplo concreto são as plataformas locais de distribuição de alimentos e os centros de distribuição de alimentos que podem ajudar a melhorar a logística de levar os alimentos locais aos mercados urbanos de uma forma eficiente. Iremos também explorar o papel das plataformas multistakeholder na conceção de iniciativas que liguem os pontos e ajudem a tornar os mercados mais sustentáveis e inclusivos. O caso de Arusha, um dos nossos parceiros na Rikolto, é interessante a esse respeito. Existe uma plataforma multistakeholder ativa que trabalha para um sistema alimentar sustentável na cidade, com vários grupos de trabalho que se debruçam sobre logística e planeamento

rikolto

urbano, emprego de jovens e segurança alimentar, entre outras coisas. Os membros da plataforma estão agora a trabalhar num modelo interessante envolvendo o departamento de saneamento do município, duas empresas e uma empresa dirigida pelos jovens para recolher os resíduos alimentares dos mercados e transformá-los em alimentos para animais e fertilizantes utilizando moscas soldados negras. Estão também a explorar a possibilidade de criar um mecanismo local participativo de garantia de segurança alimentar (inspirado no PGS orgânico), associado a uma plataforma logística para trazer vegetais seguros para os mercados da cidade. Nenhum dos atores seria capaz de o fazer sozinho, mas a plataforma permitiu-lhes criar em conjunto um novo modelo onde cada ator contribui com uma peça para o puzzle.

Qual é - ou poderia ser - o papel da WUWM e dos mercados grossistas neste âmbito?

Contamos com os colegas da WUWM para partilhar os seus conhecimentos sobre a forma de gerir eficazmente os mercados grossistas, particularmente tendo em conta as modalidades específicas de gestão e operacionais que podem permitir que os mercados grossistas sejam mais inclusivos para os pequenos produtores locais. Com base na extensa rede global e nos peritos da WUWM, esperamos que esta possa também partilhar exemplos inspiradores de modelos empresariais inclusivos bem sucedidos no campo da distribuição local de alimentos, bem como fornecer aconselhamento sobre como as autoridades locais podem colaborar com os mercados grossistas como parte dos seus contratos públicos.

Quais foram os principais resultados do lançamento?

O evento de lançamento serviu vários propósitos: desenvolver uma compreensão mútua de como os mercados urbanos podem contribuir para dietas saudáveis e sustentáveis e o papel potencial das cidades na abordagem destes desafios, compreender as necessidades e expectativas dos participantes para que o conteúdo dos intercâmbios pudesse ser adaptado às suas necessidades, mapear as experiências que cada cidade está disposta a partilhar com o resto do grupo e criar a propriedade da rede e dos seus objetivos entre os participantes. Estamos satisfeitos por estes objetivos terem sido alcançados e estamos muito gratos a todos os participantes e oradores, incluindo a WUWM, que ajudaram a criar uma base sólida para a rede.

“As bolsas serão estruturadas em 3 pilares: mercados grossistas, mercados retalhistas e mecanismos de governação para mercados bem sucedidos!”

6



Em destaque:

Depois do UNFSS, a ONU dá novas pistas para reformular as políticas dos sistemas alimentares propondo «Abordagens territoriais para o desenvolvimento sustentável»

O Secretário-Geral das Nações Unidas (ONU), António Guterres, convocou a primeira «Cimeira de Sistemas Alimentares» da ONU (UNFSS) em 2021, a fim de aumentar a consciencialização global e moldar os compromissos globais para transformar os sistemas alimentares e resolver a fome, reduzir as doenças relacionadas com a dieta e restaurar a saúde planetária. A prioridade da Cimeira foi debater e trocar ideias sobre como realizar os cinco temas principais:

1. Conceder acesso a alimentos seguros e nutritivos.
2. Mudança para padrões de consumo sustentáveis.
3. Impulsionar a produção positiva para a natureza.
4. Avançar para modos de vida equitativos.
5. Construir resiliência no sector alimentar.

O Fundo de Desenvolvimento de Capital das Nações Unidas (UNCDF) publicou recentemente um relatório intitulado «Sistemas Alimentares Territoriais para o Desenvolvimento Sustentável: Resumo Temático para a Cimeira dos Sistemas Alimentares da ONU», com o objetivo de fornecer mais contributos para as discussões levantadas durante o UNFSS.



Queríamos partilhar as suas principais observações com os nossos leitores, pois acreditamos que podem ser de interesse. No seu relatório, o UNCDF afirma que, para alcançar os objetivos do UNFSS, precisamos de desenvolver abordagens de «sistemas alimentares territoriais» para facilitar a implementação e garantir a sustentabilidade a longo prazo das ações empreendidas.

O que é uma «abordagem territorial»? Políticas e estratégias feitas à medida que têm em conta as realidades locais, construindo soluções orientadas para um contexto específico. De acordo com o UNCDF, as ações centradas no local e nas pessoas são mais eficazes e promovem a participação a vários níveis. Os responsáveis políticos e os atores privados tomam decisões melhor informadas em diferentes sectores, tendo em conta as necessidades sociais, económicas, geográficas e políticas. Desta forma, os seus investimentos podem ser orientados para objetivos específicos. A abordagem territorial é transversal. Liga participantes locais, regionais, nacionais e internacionais, resultando em decisões de ação eficientes e a vários níveis.

Uma transição plena para sistemas alimentares sustentáveis e inclusivos deve combater a fome, a insegurança alimentar, a subnutrição, as doenças relacionadas com a dieta, a pobreza, a proteção da biodiversidade e as alterações climáticas. A fim de alcançar estes objetivos complexos e multifacetados, as abordagens territoriais provaram ser as mais eficazes em comparação com as intervenções convencionais. Segundo dados de investigação da ONU, os atuais sistemas alimentares são incapazes de tornar acessíveis dietas seguras, económicas e saudáveis. Antes do surto da pandemia, o mundo contava mais de 750 milhões de pessoas em

“Uma abordagem territorial alimentar ligará as escalas local, regional, nacional e internacional, resultando numa ação eficiente a vários níveis.”





situação de insegurança alimentar, mais de 2 bilhões de pessoas com excesso de peso ou obesas, e mais de 3 bilhões de pessoas que não podiam pagar uma alimentação saudável. Estes números têm-se agravado desde que surgiu a Covid-19. Esta crise revelou a importância de economias locais estáveis e de linhas de infraestruturas bem desenvolvidas, entre cidades e territórios rurais circundantes, para a estabilidade alimentar em futuras crises compostas. O UNCDF identificou três estratégias principais de mudança de paradigma no relatório que precisam de ser adotadas a fim de fazer a transição para sistemas alimentares sustentáveis e inclusivos:

8

1) Reorientação da gestão dos recursos naturais e da produção alimentar

Os recursos naturais e a produção alimentar devem ser reorientados de acordo com a atividade social e económica em que operam, bem como com as paisagens ou ambientes biofísicos em que funcionam. Os componentes humanos e ecológicos têm de ser abordados de forma sinérgica. Deve ser dada atenção específica às formas de utilização do solo e produção agrícola adaptadas ao local, que contribuem para dietas saudáveis e sustentáveis, garantem rendimentos, respeitando ao mesmo tempo a sustentabilidade ambiental.

“As abordagens territoriais são políticas e estratégias feitas por medida que têm em conta as realidades locais, construindo soluções que são orientadas para esse contexto.”

2) Reanimar as economias locais num mundo conectado

Um segundo ponto fulcral é centrar-se nas ligações urbano-rurais: as economias locais devem ser revitalizadas, as ligações entre as zonas rurais, peri-urbanas e urbanas podem ligar mais eficazmente os produtores aos mercados e consumidores e criar oportunidades de investimento na produção, transformação, armazenamento, transporte e mercados alimentares que possam apoiar o desenvolvimento económico local e melhorar a qualidade de vida dessas comunidades. Neste contexto, deve ser dada prioridade aos mercados locais e cadeias alimentares curtas, em particular nas pequenas cidades: isto não só beneficiará a economia local como também promoverá práticas ecológicas ligadas aos custos de transporte, produtos alimentares sazonais e orgânicos.

3) Garantia dos Direitos Humanos e Proteção Social

Os sistemas alimentares territoriais podem promover concretamente os direitos humanos e assegurar a proteção social numa série de diferentes esferas: ao abordar eficazmente as necessidades do contexto em jogo, esta abordagem pode, por exemplo, melhorar as condições de saúde, promover a educação, fomentar o emprego, abordar questões de igualdade entre os géneros e assegurar uma gestão sustentável dos recursos.

A fim de implementar a transição para sistemas alimentares sustentáveis e resistentes, os governos a todos os níveis (nacional, regional e local) devem ser diretamente envolvidos no processo. Uma arquitetura de governação a vários níveis baseada no princípio da subsidiariedade deve ser o elemento principal. A documentação e partilha destas estratégias territoriais também ajudará outras realidades a melhorar as suas próprias políticas.

Em factos:

- O nosso sistema alimentar global é o principal motor da perda de biodiversidade, sendo a agricultura por si só a ameaça identificada a 86% das espécies em risco de extinção.
- A agricultura proporciona meios de subsistência a mais de mil milhões de pessoas, e existem aproximadamente 500 milhões de explorações agrícolas familiares em todo o mundo, a maioria das quais opera em pequena escala.
- Apesar do seu papel como principais contribuintes para a segurança alimentar, particularmente nos países em desenvolvimento, os pequenos produtores são muitas vezes realmente frágeis.
- Os pequenos produtores em áreas menos desenvolvidas enfrentam frequentemente barreiras no acesso aos mercados, uma vez que a fraca infraestrutura e a concentração do mercado podem dificultar a sua participação nestes mercados.
- A chave para a segurança alimentar é melhorar o investimento público em infraestruturas para mercados, armazenamento e outras componentes do sistema alimentar para apoiar a desconcentração das redes de produção e distribuição e trazer mais diversidade para a resiliência.
- Nos sectores de processamento alimentar e retalho, a concentração empresarial pode dificultar os ambientes alimentares influenciando os preços e aumentando a proporção de alimentos altamente processados, limitando as escolhas alimentares e a agência para consumidores individuais.

“O nosso sistema alimentar global é o principal motor da perda de biodiversidade, sendo a agricultura por si só a ameaça identificada a 86% das espécies em risco de extinção.”

Em foco:

Prepare-se para a Iniciativa 'Gosto do Meu Mercado' | 'Love Your Local Market' 2022! : Durante o mês de maio, a WUWM e milhares de mercados de alimentos frescos parceiros irão celebrar esta iniciativa sob o tema "Apoio o meu mercado local = apoio a produção local e os circuitos curtos!"

10



your local
market

O mês de maio será rico em celebrações do 'Love Your Local Market' (LYLM), a iniciativa anual coordenada pela WUWM que visa capacitar os mercados de alimentos frescos de rua e hábitos alimentares saudáveis. Este ano, o lançamento da iniciativa LYLM será em Lisboa, Portugal, mas cerca de 3000 mercados no mundo juntar-se-ão às celebrações, organizando muitas atividades (concertos, cozinha de espetáculos, atividades infantis,...). Portugal tem estado envolvido a diferentes níveis no evento sob a coordenação do Grupo SIMAB (mercados grossistas portugueses) em conjunto com ministérios e municípios. Eles acolherão eventos em cada cidade que tem um mercado grossista, a fim de sensibilizar também para as ligações existentes entre os mercados grossistas e os mercados alimentares de rua - uma vez que 90% dos produtos vendidos nos mercados retalhistas de alimentos frescos provêm dos mercados grossistas.

Encontre mais informações sobre o programa, e como aderir ao mesmo aqui: <https://wuwmm.org/love-your-local-market-campaign-2022/>





Entrevista

11 com David Preston, Chefe Executivo da NABMA

Hoje, o 'Love Your Local Market' é uma iniciativa global, coordenada pela WUWM e celebrada por milhares de mercados de alimentos frescos em todo o mundo. No entanto, a campanha original começou no Reino Unido há 11 anos. Por ocasião do lançamento do LYLM 2022, entrevistámos David Preston, Chefe Executivo da NABMA, a fim de partilhar com os nossos leitores a história do 'Love Your Local Market'.

A iniciativa LYLM está no seu 11º ano e é agora celebrada em mais de 24 países do mundo! A NABMA criou esta iniciativa. Poderia contar aos nossos leitores a história do LYLM?

A NABMA orgulha-se deste evento mundial, apreciado todos os anos por milhões de pessoas, ter começado como resultado das discussões entre a NABMA e o governo do Reino Unido.

Em 2011, o primeiro-ministro do Reino Unido estabeleceu uma revisão sobre o futuro das principais ruas do Reino Unido e nomeou Mary

Portas, uma conhecida consultora e emissora britânica de retalho para a dirigir. Na altura, o governo estava preocupado com a contração do comércio retalhista e procurava proporcionar uma verdadeira mudança nas comunidades e tornar as cidades lugares multifuncionais para viver, trabalhar e visitar.

É amplamente reconhecido que a NABMA foi responsável por Portas dar ênfase à importância dos mercados no seu relatório final ao governo que tinha muitas recomendações sobre o que poderia ser feito para melhorar as ruas principais e os centros das cidades. Os mercados figuraram de forma proeminente no relatório que foi inequívoca no seu apoio à indústria dos mercados, enfatizando uma crença de que «os mercados podem servir como condutores fundamentais de tráfego de volta às nossas ruas principais».

O relatório também destacou a importância dos mercados como uma oportunidade para um novo começo de negócio e encorajou o estabelecimento de um Dia Nacional do Mercado. A ideia de realizar um Dia Nacional do Mercado foi entusiasticamente abraçada pela indústria dos mercados do Reino Unido. Para captar tanto os mercados diários como semanais foi então acordada uma celebração ao longo de duas semanas e o LYLM foi lançado no Reino Unido com grande reconhecimento durante o período de 23 de junho a 8 de julho de 2012.

A NABMA foi a principal organização a coordenar as celebrações, concebendo a marca e o logótipo que ainda hoje é utilizado em todo o mundo. Nos primeiros anos, o governo do Reino Unido forneceu um financiamento significativo com uma receção parlamentar para o lançamento do evento.

NABMA
the voice of markets

O LYLM é agora uma marca e uma celebração mundial - qual tem sido o caminho?

A NABMA tem trabalhado de perto durante muitos anos com Jean-Paul Auguste e o Groupe Geraud reconhecendo o seu interesse e apoio aos mercados tanto em França como em Inglaterra. Na altura do lançamento do LYLM no Reino Unido, as discussões com Jean-Paul Auguste levaram ao reconhecimento de questões semelhantes em torno das ruas principais e comunidades em ambos os países. Como resultado, iniciou-se uma reflexão sobre como o LYLM e o seu conceito poderia ser alargado para além das fronteiras nacionais para criar uma iniciativa internacional. Reunindo outros países, poderia então formar-se uma massa crítica para gerar o interesse dos meios de comunicação social.

Os objetivos eram proporcionar uma abordagem coletiva para promover, celebrar e demonstrar aos governos tanto os mercados retalhistas como grossistas e os seus muitos valores, que incluem, naturalmente, o apoio às economias, ao turismo e à vida comunitária.

12

Durante séculos, os mercados têm vindo a animar e a acrescentar vitalidade aos espaços públicos da nossa cidade e dos centros das cidades. Embora um dos principais objetivos da iniciativa tenha sido o de construir afeto pelos mercados, a essência do LYLM é encorajar a criação de empresas e apoiar políticas alimentares, dietas saudáveis e estar no coração das comunidades locais.

A NABMA está grata a Jean Paul Auguste como Diretor do Grupo Retalhista da WUWM pelo seu incansável apoio e promoção do LYLM ao longo dos últimos 12 anos e pela reunião de muitos parceiros internacionais para promover esta promoção mundial e celebração dos mercados em todo o mundo.

A que pensa que se deve o sucesso do LYLM?

A resposta irá, provavelmente, variar em cada país que aderiu ao LYLM, mas os fatores constantes estarão em torno da liderança local, determinação e empenho.

Sem dúvida que no Reino Unido, então, o enorme crédito deve ser dado a Graham Wilson OBE, o Chefe Executivo da NABMA na altura da revisão do governo britânico das ruas principais e do lobby que ele, e a própria NABMA, empreenderam com Mary Portas, ministros do governo e funcionários para assegurar que os mercados tanto se apresentavam, como eram reconhecidos nas recomendações do relatório. Deve também ser registado um crédito semelhante pelo apoio, generosidade e lobbying dentro da WUWM a Jean-Paul Auguste.

“A nível internacional, o sucesso do LYLM está relacionado com o valor e orgulho que as comunidades têm colocado no seu mercado local!”

A nível internacional, o sucesso do LYLM deve estar relacionado com o valor e orgulho que as comunidades têm colocado no seu mercado local e nas suas empresas locais. O LYLM ajuda a traçar o perfil da vibração, história e individualidade de uma rua principal e do seu mercado com a oferta adicional de alimentos frescos a preços acessíveis, oportunidades de arranque de negócios e muitos ganhos ambientais com menos embalagens, alimentos locais e menos quilómetros percorridos. O sucesso, portanto, depende da compra, por parte dos operadores de mercado da iniciativa, e do reconhecimento das potenciais recompensas. Ano após ano no Reino Unido, antes da Covid, o número de mercados participantes aumentou e foram criadas novas empresas sustentáveis.





Antes da Covid, é reconhecido que cerca de 11.000 novas empresas experimentaram o comércio de mercado durante o LYLM e cerca de 1.000 empresas sustentáveis foram estabelecidas. O apoio dos operadores de mercado para fornecer bancas gratuitas ou subsidiadas tem sido, portanto, uma espinha dorsal do sucesso do LYLM.

Quais são as suas expectativas para a iniciativa deste ano?

Esta é uma questão interessante. A NABMA está obviamente encantada por acolher de volta o LYLM no Reino Unido em 2022, mas tem de haver um realismo sobre o que pode ser alcançado à medida que a pandemia continua. Cada um dos vinte e cinco países participantes em 2019 terá os seus próprios regulamentos de saúde em constante mudança, mas o principal ponto positivo é que os mercados podem geralmente acolher de volta esta iniciativa que é a celebração mais significativa da importância dos mercados na nossa geração.

13

No Reino Unido temos de equilibrar para alguns um interesse público renovado e confiança nos mercados que saem da pandemia, mas com a apreciação de que para outros alguns mercados enfrentam um futuro mais incerto. Como alguns mercados beneficiarão do financiamento do investimento e da regeneração governamental, então temos de compreender que outros têm problemas orçamentais, a perda de muitos comerciantes há muito tempo ao serviço e uma necessidade urgente de investimento.

“Nos mercados do Reino Unido são reconhecidos como estando no topo dos fatores que influenciam a criação de ruas principais vibrantes e vitais e a pandemia tem realçado o seu valor comunitário.”

A NABMA está a promover ativamente o LYLM a partir de uma forte plataforma de comunicação social. Ao longo dos anos do LYLM, o Reino Unido tem beneficiado de um generoso patrocínio. Isto permitiu uma presença dedicada aos meios de comunicação social que tem um alcance potencial de 63 milhões. No ano passado, com um número limitado de mercados participantes, e muitas restrições Covid em vigor, foi registado um número de meios de comunicação social de cerca de 30.000

O aspeto mais importante para 2022 é acolher de volta o LYLM e a oportunidade de a ver de volta no coração das comunidades locais. A reconstrução é necessária após a perda de dois anos da iniciativa, mas os mercados e as pessoas do mercado são resistentes e devemos desfrutar e celebrar 2022, e ao mesmo tempo planear e aguardar com expectativa o LYLM 2023.

Este ano, o LYLM vai ser extraordinariamente alargado no seu país - de sexta-feira 13 de maio a domingo 5 de Junho de 2022 - por ocasião do Jubileu Platina da Rainha, quais são as celebrações e eventos adicionais planeados para fundir estes dois eventos?

Em junho de 2022, o Reino Unido estará na ribalta em todo o mundo com a celebração dos setenta anos de serviço de Sua Majestade a Rainha Isabel. O nosso tradicional feriado de maio foi transferido e prolongado até quinta-feira, 2 de junho de 2022 e com um feriado extra na sexta-feira, 3 de Junho, o Reino Unido desfrutará de uma celebração de 4 dias a nível nacional.

Os nossos eventos do Jubileu Real são historicamente sinónimo de festas e reuniões de rua por todo o país à medida que comunidades, amigos e vizinhos se reúnem para desfrutar e celebrar. Em anos passados, os mercados têm sido frequentemente uma característica destas celebrações.

Por conseguinte, pareceu sensato alargar o LYLM às celebrações do Jubileu para tirar partido dos meios de comunicação social, merchandising, etc. e assegurar que os mercados possam ser incluídos como uma característica dos programas locais de eventos e da sua publicidade.

Qual foi o impacto da COVID 19 nos vossos mercados e autoridades locais e como reagiram?

Sem dúvida que os últimos dois anos têm sido os mais difíceis na memória dos mercados, comunidades e sociedade em geral. A Covid teve um enorme impacto nos mercados do Reino Unido, mas, durante toda a pandemia, os nossos mercados, sempre que possível, permaneceram abertos para apoiar as comunidades, os idosos e os mais vulneráveis com abastecimentos essenciais. Como resultado, têm atraído um interesse renovado, confiança e apoio.

No Reino Unido, os mercados têm geralmente recebido pouco ou nenhum financiamento governamental, mas a maioria dos operadores têm apoiado os seus comerciantes através da renúncia ao aluguer.

14

A própria NABMA tem prestado um serviço 24/7 aos seus membros com informação atualizada, orientação e apoio geral. Produziu um plano de sobrevivência de cinco pontos que sustentou as suas discussões com o governo e continua a prestar aconselhamento e orientação ao governo e aos parceiros da alta sociedade.

A própria NABMA foi transferida para plataformas virtuais e, através destas, conseguiu desenvolver com sucesso o seu desenvolvimento profissional, vários serviços e conferências e eventos. Entre os novos eventos foram entregues uma série quinzenal bem sucedida de discussões «Conheça o Gestor» que se concentraram em apoiar o bem-estar e fornecer uma rede para discussão informal e apoio mútuo.

E, mais em geral, qual é a sua opinião sobre o futuro dos mercados nos próximos anos?

Sem dúvida que os mercados continuarão a estar no centro das comunidades locais nos próximos anos. No entanto, a Covid impulsionará a mudança e, em alguns casos, uma mudança na história e tradição já começou, uma vez que alguns mercados mudaram com sucesso de local, mudaram os dias de funcionamento e os horários de abertura devido à pandemia e à melhoria da segurança.

No Reino Unido, os mercados são reconhecidos como estando no topo dos fatores que influenciam a criação de ruas principais vibrantes e vitais e a pandemia realçou o seu valor comunitário e, em muitas comunidades, gerou tanto clientes novos como clientes de regresso.

Para alguns operadores, a recuperação da pandemia será difícil e poderá não ser possível, mas para outros os mercados podem ser firmemente colocados no centro dos centros comunitários em rápida mudança. Para além de apoiarem as ruas principais, os mercados podem proporcionar uma interação social e cultural vital.

Os mercados, no futuro, com visão, parceiros e um plano podem ajudar a proporcionar benefícios ambientais que apoiem as alterações climáticas; podem apoiar e associar negócios locais para investimento; podem ser a incubadora para proporcionar oportunidades de negócios de baixo custo e de arranque acessível e ainda continuar a ser o pulsar do coração da cidade e dos centros das cidades, desempenhando um papel fulcral no fornecimento de produtos de qualidade frescos e acessíveis, gerando valor económico e aumentando o benefício geral.

A NABMA orgulha-se dos mercados, clientes, gestores de mercado e equipas de mercado por aquilo que entregaram durante a pandemia. Novos desafios aplicam-se agora e a NABMA continuará a apoiar os nossos membros, uma vez que, individual e coletivamente, nos esforçamos por fornecer mercados e gestão profissionais.



Inovação:

Conheça as principais descobertas de «Moving Market Places» (MMP), o projeto de investigação de base europeia sobre mercados de alimentos frescos de rua

15

‘Moving Market Places’ (MMP) é um projeto de investigação de base europeia que tem vindo a trabalhar há três anos em quatro países europeus. O projeto de investigação centra-se na dinâmica que surge da mobilidade e dos mercados dos comerciantes e em torno deles, investigando a regulamentação do mercado e a acessibilidade através de diferentes territórios. O período de tempo da investigação corresponde ao surto pandémico Covid-19, um dos principais fatores que contribui para os resultados da investigação. Tivemos o prazer de entrevistar a equipa de investigação do MMP para discutir em pormenor o projeto ‘Moving Market Places’, os seus objetivos e conclusões.

Poderia explicar aos nossos leitores o que é o projeto de investigação ‘Moving Market Places’ (MMP)?

‘Moving Market Places’ (MMP) é um projeto de investigação entre quatro países europeus. Tem sido financiado pela rede HERA que, nesta ocasião, financiou projetos que estudam o espaço público de diferentes ângulos. No nosso caso, temos vindo a investigar os mercados de rua da perspetiva dos comerciantes, nos últimos três anos, e terminaremos a investigação ainda este ano. Durante o nosso estudo, temos perguntado como a mobilidade dos comerciantes cria espaço público e liga os mercados através de diferentes geografias. Também temos analisado de perto a dinâmica de inclusão e exclusão nos mercados, perguntando de que forma a regulamentação do mercado afeta a acessibilidade dos comerciantes aos mercados como espaços de trabalho e que tipo de dinâmica de in/exclusão existe entre os próprios comerciantes.

Onde é que o ‘Moving Market Places’ se concentrou, geograficamente, na sua investigação?

A investigação tem tido lugar em Espanha, na Suíça, no Reino Unido e nos Países Baixos. Em cada país, os nossos investigadores trabalharam num mercado urbano e num não tão urbano. Os mercados diferem bastante em termos da sua dimensão, oferta de produtos e perfil socioeconómico, tanto dos comerciantes como dos clientes. Estas diferenças são representativas dos inúmeros tipos de mercados que existem em toda a Europa, mas também nos forneceram informações relevantes sobre a forma como os diferentes mercados são geridos e o tipo de papel que os comerciantes podem desempenhar no seu funcionamento diário.

O projeto ‘Moving Market Places’ baseia-se numa investigação sólida e em dados empíricos: o que descobriu até agora sobre comerciantes e mercados?

Relativamente aos comerciantes, talvez uma das primeiras observações seja que não existe um grupo homogéneo de comerciantes enquanto tal. Tal como noutras partes da sociedade, também os comerciantes tendem a formar os seus grupos, e nem sempre existe muita interação entre profissionais com diferentes origens culturais e socioeconómicas ou aqueles que comercializam com produtos completamente diferentes. Por vezes, os conflitos surgem devido a questões de espaço ou ruído, mas em geral há muita solidariedade entre os comerciantes que muitas vezes vigiam as bancas dos vizinhos, ajudam-se uns aos outros com o dinheiro dos trocos ou com a construção da banca.



“O convívio entre comerciantes, clientes e outros empresários é importante para os municípios onde os mercados se realizam, uma vez que aumenta as suas receitas fiscais e pode revitalizar a economia local!”

Outra coisa que temos observado é que é necessário trabalho árduo e competências para ser um comerciante bom e profissional. Muitos deles trabalham seis ou sete dias por semana, e muitas vezes é necessário acordar cedo para preparar os produtos e conduzir para os diferentes mercados. Além disso, a montagem e desmontagem da banca requer muitas vezes trabalho físico árduo. Igualmente, nas horas de ponta, a velocidade das vendas é muito acelerada, o que significa que os comerciantes devem ser capazes de se concentrar simultaneamente no cálculo dos preços, acolher todos os clientes, responder às suas exigências e partilhar o seu conhecimento dos produtos.

Uma terceira observação é que as pequenas cidades e distritos urbanos parecem estar cada vez mais interessados em ter mercados temporários a animar as suas ruas e praças, porque um dia de mercado não só atrai clientes para comprar aos comerciantes, como também convida as pessoas a consumir noutros estabelecimentos, tais como lojas regulares, bares e cafés. Em algumas pequenas cidades, foi-nos dito que sem o mercado, as empresas não ganhariam quase tanto como ganham graças a todas as pessoas que saem às ruas por causa do mercado, mas acabam por entrar noutras lojas e negócios, aumentando assim a despesa global na cidade. É também por esta razão que os mercados de rua são cada vez mais regulamentados pelos órgãos locais de governo - o convívio entre comerciantes, clientes e outros empresários é importante para os municípios onde os mercados se realizam, uma vez que aumenta as suas receitas fiscais e

pode revitalizar a economia local. Os comerciantes devem pagar vários tipos de impostos e seguir numerosos regulamentos que constituem os seus direitos e obrigações de comércio no espaço público. Neste sentido, há pouca espontaneidade para os mercados que surgem durante um dia e desaparecem no fim do mesmo - as horas de entrada e saída dos comerciantes são frequentemente regulamentadas, assim como os produtos que podem vender e o tamanho da banca onde expõem as suas mercadorias. Em suma, vimos que existem muitos aspetos organizacionais por detrás de um mercado «bem sucedido».

A pandemia Covid-19 e as medidas governamentais para a controlar tiveram um impacto prejudicial nos espaços e mercados públicos. Poderia partilhar connosco algumas das principais observações que fez durante este período? Por exemplo, qual foi o impacto para os agregados familiares com os seus mercados fechados?

A nossa investigação inclui também observações diretas dos impactos da Covid-19 nos comerciantes, mercados e espaço público em geral, que foram documentados através de artigos e vídeos. Um dos primeiros e mais claros impactos da Covid-19 nos quatro países, foi que os mercados ao ar livre foram fechados a fim de evitar que as pessoas fossem «tentadas» a sair, a socializar e a fazer as suas compras no mercado. Aparentemente, foi precisamente a tendência dos mercados para desencadear interações entre as pessoas que as fez parecer mais perigosas de uma perspetiva epidemiológica. Em Espanha, quando os mercados foram suspensos, os comerciantes que estavam devidamente registados nas contas fiscais podiam solicitar subsídios que, no entanto, não eram equivalentes aos seus rendimentos regulares. Por conseguinte, sofreram grandes perdas nas suas receitas; alguns comerciantes espanhóis reportaram perdas tão grandes como 90% das suas vendas regulares. Dois anos após a pandemia, alguns ainda não recuperaram as suas receitas e só venderam cerca de 50% do que ganhavam antes de março de 2020. Inicialmente, houve também problemas com o desperdício de alimentos, especialmente entre os comerciantes agrícolas que de repente já não podiam vender os seus produtos sazonais.





Por outro lado, algo que também notámos é que novas formas de colaboração e vendas surgiram no meio destas dificuldades. Na Suíça, observámos como os comerciantes começaram com os serviços de entrega ao domicílio para distribuir os seus bens. Para além do resultado económico, os comerciantes sublinharam também a importância de se manterem em contacto com os seus clientes. Embora tivessem tendência para entregar caixas de legumes à porta, muitos também tentaram conversar com os seus clientes. Este tipo de breves interações permitiu que as relações de cuidado que normalmente teriam lugar no mercado fossem preservadas através da sua transformação espacial em novos espaços domésticos. Observámos a continuação de tais relações sociais apesar do encerramento dos mercados em todos os quatro países.

17

“A acessibilidade a dietas saudáveis [...] não se aplica à população em geral porque muitas vezes os preços dos produtos locais e/ou biológicos são inacessíveis aos clientes de médios e baixos rendimentos.”

Notou algum impacto negativo na nutrição ou na acessibilidade a alimentos saudáveis?

Em termos de nutrição e acessibilidade a alimentos saudáveis, alguns dos nossos agricultores comerciantes declararam que inicialmente tiveram um aumento nas suas vendas, aparentemente porque de repente as pessoas tinham mais tempo para cozinhar e para cuidar de si próprias. Isto, contudo, não se aplicava à população em geral, porque muitas vezes os preços dos produtos locais e/ou biológicos são inacessíveis aos clientes de médio e baixo rendimento.

Pode partilhar com os nossos leitores as principais conclusões do estudo ‘Moving Market Places’?

Para além dos resultados que já mencionados, num dos países estamos também a assistir a uma mudança considerável na chamada tradição do mercado. Muitos profissionais que são comerciantes de terceira, quarta ou mesmo quinta geração disseram-nos que os seus filhos já não vão continuar o negócio familiar. Em alguns casos, é simplesmente porque a geração mais jovem teve a oportunidade de obter um diploma universitário e espera encontrar um emprego mais estável, mas a razão mais comum, é que as receitas dos comerciantes têm vindo a diminuir desde a crise económica de 2007 e muitos comerciantes viram os seus rendimentos diminuir substancialmente. Alguns deles admitem que enquanto os impostos e outras despesas aumentam, as vendas continuam a descer, tornando mais difícil para eles conseguirem pagar as contas. Cada vez mais, quando um comerciante se reforma, é mais provável que a sua banca seja assumida por recém-chegados que aceitam as expectativas de baixos rendimentos, do que por membros da família. Embora o sistema globalizado de cadeias de supermercados já tivesse diminuído o papel dos mercados no fornecimento de alimentos, o súbito aumento das vendas em linha que foi introduzido pelo surto da Covid-19 teve um impacto negativo adicional em muitos comerciantes que agora procuram formas de diversificar as suas vendas ou planeiam encerrar o negócio. Embora esta realidade não seja representativa de todos os mercados dos quatro países, é uma potencial necessidade de os órgãos governamentais locais pensarem em melhores políticas para assegurar a viabilidade do comércio como meio de subsistência, uma vez que os mercados provaram ser importantes por tantas razões, seja para melhorar as receitas fiscais locais, proporcionando rendimentos aos proprietários de pequenas empresas, seja porque são espaços para a convivialidade de diferentes culturas e hábitos.

Em ação:

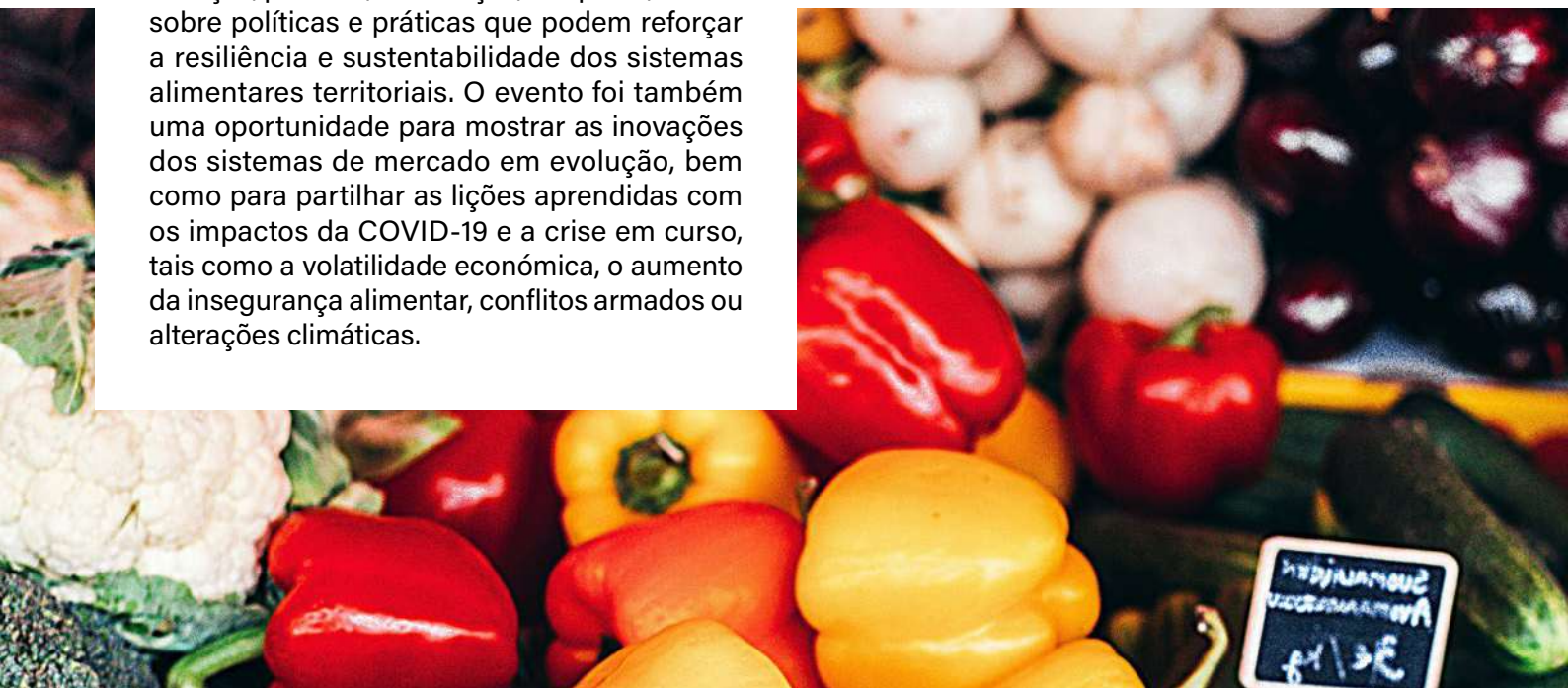
A WUWM coorganizou o webinar «Construir sistemas alimentares sustentáveis e resilientes: Integrar Sistemas de Mercado no Centro das Ligações Urbano-Rurais»

No dia 21 de abril, a WUWM coorganizou com a World Farmers Market Coalition (WFMC), com a Market Cities Initiative (MCI), a UN-Habitat, a Local Governments for Sustainability (ICLEI), a United Cities and Local Governments (UCLG) e a Regions4, o webinar «Construir sistemas alimentares sustentáveis e resilientes: Integrar Sistemas de Mercado no Centro das Ligações Urbano-Rurais». Outras agências das Nações Unidas apoiaram este webinar, tais como a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), o Comitê sobre Segurança Alimentar Mundial (CFS), o Programa das Nações Unidas para o Ambiente (PNUA) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Assistiram mais de 120 participantes ao webinar. Temos o prazer de partilhar com os nossos leitores um resumo dos principais resultados!

O objetivo do webinar era examinar o papel que os sistemas de mercado têm - uma vez que estão no centro dos fluxos urbano-rurais de bens, serviços, pessoas, informação, e capital -, e troca sobre políticas e práticas que podem reforçar a resiliência e sustentabilidade dos sistemas alimentares territoriais. O evento foi também uma oportunidade para mostrar as inovações dos sistemas de mercado em evolução, bem como para partilhar as lições aprendidas com os impactos da COVID-19 e a crise em curso, tais como a volatilidade económica, o aumento da insegurança alimentar, conflitos armados ou alterações climáticas.

Os mercados de alimentos frescos sempre foram um elemento central para as sociedades mundiais, sendo eles espaços públicos sociais e motores das economias locais. Os mercados são a intersecção espacial e funcional das comunidades rurais e urbanas, dos agricultores e consumidores, da natureza e da cultura. Os territórios funcionais dependem de mercados funcionais. Atualmente, os mercados locais tradicionais têm evoluído de muitas formas diferentes: retalho e grossista, privado e público, virtual e físico. Apesar desta evolução contínua, nos últimos dois anos os mercados e as cadeias de abastecimento alimentar têm enfrentado um estado de crise. Após a eclosão da Covid-19, os mercados tornaram-se o centro das atenções mundiais: os produtores e trabalhadores do sector alimentar tiveram de se adaptar e recuperar das fases iniciais da pandemia, dando mais atenção às proteções sociais, ao fornecimento de alimentos saudáveis e à sustentabilidade. Este cuidado é ainda importante em 2022.

“Os mercados são a intersecção espacial e funcional das comunidades rurais e urbanas, dos agricultores e consumidores, da natureza e da cultura. Territórios funcionais dependem de mercados funcionais.”





“Este webinar técnico organizado conjuntamente centrou-se nos mercados e sistemas alimentares, com base nas lições aprendidas com os impactos da COVID-19 e da crise em curso, tais como a volatilidade económica, o aumento da insegurança alimentar, conflitos armados ou alterações climáticas.”

19

O vasto tema do webinar foi abordado de diferentes perspetivas, o que permitiu um debate frutuoso em torno de um conjunto de tópicos como a rápida urbanização, desenvolvimento infraestrutural, planeamento urbano e rural, estratégias logísticas, ou recolha de dados. Organizações e associações internacionais exprimiram os seus pontos de vista e apresentaram os seus próprios projetos. A FAO, por exemplo, desenvolveu uma metodologia para mapear sistemas de mercado territoriais, um conjunto de dados que é fundamental para mostrar a importância do ambiente de mercado e crucial para trabalhar no sentido de uma distribuição alimentar bem sucedida. Representantes de realidades locais e regionais apresentaram ao público a situação enfrentada pelos seus sistemas de mercado durante a pandemia e explicaram como reagiram, fornecendo experiências valiosas para os outros participantes. O que emergiu destes exemplos concretos é a necessidade de uma resposta integrada e coordenada em termos de governação, elaboração de políticas e planeamento urbano, a fim de construir ligações sólidas que permitam a acessibilidade e disponibilidade de alimentos, mesmo para as famílias mais pobres.

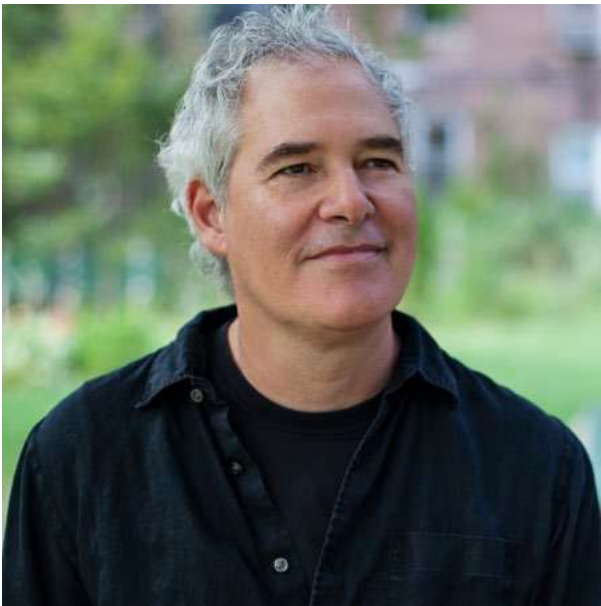
A Secretária-Geral da WUWM, Eugenia Carrara, debateu o papel dos mercados grossistas no contexto dos sistemas de mercado, como infraestruturas de ligação entre produtores rurais e consumidores urbanos. Dados empíricos de estudos da FAO e da GAIN provaram como os

sistemas de mercado territorial bem desenvolvidos eram mais capazes de garantir a segurança alimentar às suas comunidades e de reduzir as perturbações da cadeia alimentar e a volatilidade dos preços. Como afirmou a Secretária-Geral Eugenia Carrara, «o ‘mundo de crise’ em que vivemos requer uma coordenação urgente e abordagens multistakeholder a fim de se conseguir desenvolver respostas rápidas perante a crise, estratégias e políticas inovadoras a nível local».

O trabalho no terreno, a investigação, estratégias e experiências avançadas durante o webinar representam elementos cruciais para provar a importância que os sistemas de mercado desempenham em termos de segurança alimentar e sustentabilidade. Por esta razão, os decisores políticos devem cooperar com associações de agricultores e partes interessadas do sector alimentar e dos mercados, a fim de implementar políticas bem sucedidas que possam assegurar a disponibilidade de estratégias a longo prazo para as cidades.

Todos os participantes partilharam o mesmo desejo e compromissos no sentido de uma colaboração sólida e concordaram em considerar o webinar um primeiro passo concreto no sentido de um espaço estável de intercâmbio, onde esforços singulares feitos por cada ator e associação podem ajudar a reforçar o sistema alimentar dos mercados através do reforço das ligações rural-urbano e a prestar assistência aos governos locais e a outros atores alimentares importantes.

“Emergiu do webinar a necessidade de uma resposta integrada e coordenada em termos de governação, elaboração de políticas e planeamento urbano.”



Entrevista com Richard McCarthy

Presidente da Coligação Mundial
de Mercados de Agricultores

20

Tivemos o prazer de entrevistar Richard McCarthy, Presidente da Coligação Mundial de Mercados de Agricultores (WFMC), uma das organizações que coorganizou o webinar «Construir sistemas alimentares sustentáveis e resilientes: Integrar Sistemas de Mercado no Centro das Ligações Urbano-Rurais» com a WUWM. Na entrevista, falámos sobre a sua organização e os temas de sistemas alimentares sustentáveis e ligações urbano-rurais abordados no webinar, mas também partilhámos os numerosos objetivos que a WUWM e a Coligação Mundial de Mercados de Agricultores têm em comum.

Pode, por favor, apresentar a sua organização aos nossos membros? Quais são os seus principais valores e objetivos atuais?

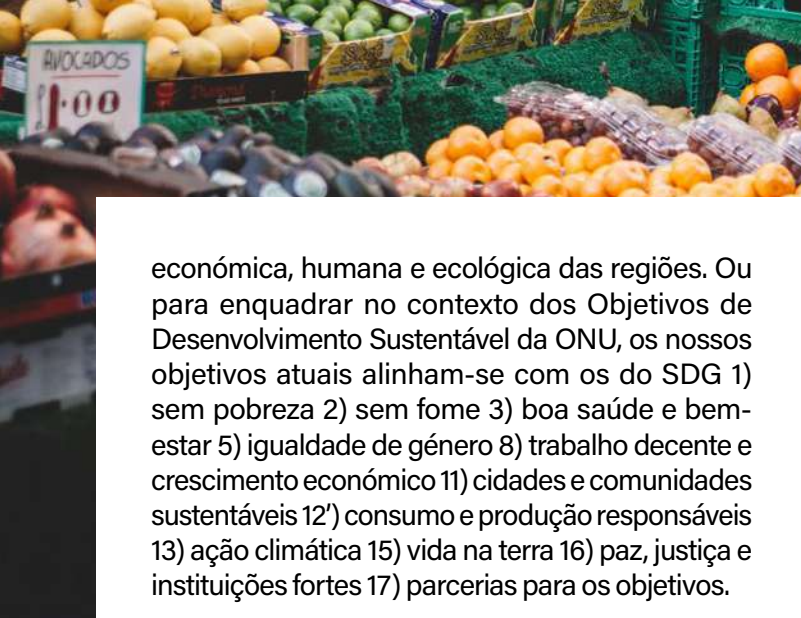
A Coligação Mundial de Mercados de Agricultores (WFMC) é uma nova organização internacional, dedicada à reinvenção propositada da antiga instituição de mercados de agricultores (onde o comércio e a comunidade florescem). A excitante notícia é que os mercados de agricultores estão a florescer em todo o mundo. De Anchorage a Zhytomyr, os líderes da sociedade civil estão a intensificar-se para construir pontes entre agricultores e consumidores - e em muitos casos, em situações muito difíceis.

Quando agricultores independentes se reúnem - muitos dos quais são mulheres - para vender os frutos do seu trabalho diretamente aos consumidores num ambiente público, dão as mãos aos habitantes das cidades para começar a reparar as relações perdidas entre o urbano e o rural. Como os membros da WUWM podem certamente atestar, estas relações não se limitam a ... acontecer. Elas são geridas, mas, o que é importante, não de cima. Pelo contrário, são acordos que ligam a oferta à procura, colocam os produtos, e claro, as pessoas que prosperam nestes espaços públicos.



A WFMC valoriza mercados que equilibrem os interesses dos agricultores, consumidores e comunidades que os acolhem. Acreditamos que isto é quando os mercados de agricultores cumprem um bem público - o mesmo bem público que os mercados grossistas servem (como mercados públicos). A este respeito, os mercados grossistas e os mercados de agricultores são como primos em primeiro grau. Durante estas fases iniciais de agrupar a comunidade mundial de mercados de agricultores, estamos a mapear os mercados que existem, facilitando a aprendizagem entre pares, e cultivando a liderança em mercados existentes e novos, a fim de contribuir para a saúde





económica, humana e ecológica das regiões. Ou para enquadrar no contexto dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, os nossos objetivos atuais alinham-se com os do SDG 1) sem pobreza 2) sem fome 3) boa saúde e bem-estar 5) igualdade de género 8) trabalho decente e crescimento económico 11) cidades e comunidades sustentáveis 12') consumo e produção responsáveis 13) ação climática 15) vida na terra 16) paz, justiça e instituições fortes 17) parcerias para os objetivos.

Existem algumas iniciativas levadas a cabo pela Coligação Mundial de Mercados de Agricultores que gostaria de divulgar junto dos nossos leitores?

Em 2021, publicámos um Primeiro Relatório Mundial sobre Mercados de Agricultores, abrangendo seis continentes. Revela quão semelhante e generalizado é este movimento. Embora possamos ser uma nova ONG, muitos dos nossos mercados e redes de mercados estão maduros e estabelecidos. Como resultado, eles têm um conhecimento programático considerável a partilhar. Por exemplo, um membro fundador - Campagna Amica - alavanca a sua notável rede de mercados nacional para programas de solidariedade social e agroturismo. Como é que o fazem?

Ou, considere os membros da Coligação Mundial de Mercados de nos EUA que conseguiram alavancar um pequeno programa inovador de incentivo à saúde num programa USDA de 100 milhões de dólares que está a transformar o comportamento dos consumidores entre aqueles que dependem da rede de segurança social para a segurança alimentar.

Em cada um destes, há lições para os mercados grossistas. Como? Bem, os agricultores que se dedicam à comercialização direta utilizam os mercados de agricultores para diversificar as suas empresas individuais - muitos para a distribuição por grosso. Além disso, mercados como um todo testam novas ideias no terreno. Educam os consumidores, distribuidores, chefes de cozinha, cantinas e os decisores em geral sobre a mudança dos padrões de consumo. A nova cultura apelativa desta estação no mercado dos agricultores pode ser a base do próximo ano no mercado grossista. O que é importante para a biodiversidade é que o que é apelativo pode ser tão antigo como as montanhas. Esta é a oportunidade.

Importante, isto não é para sugerir que a inovação só ocorre no Norte global. Pelo contrário, estamos a aprender sobre inovação no Bangladesh, Bolívia, Quênia, Vietname, e mais além.

É por isso que quando a FAO nos selecionou para o seu programa de Coligação Alimentar, ficámos tão entusiasmados. Estamos apenas a começar a aprender como a inovação e agilidade exibidas pelos gestores de mercados dos agricultores em todo o mundo fornece pistas sobre a melhor forma de abordarmos o futuro. À medida que as economias se foram fechando, muitos descobriram a necessidade de influenciar as autoridades competentes para serem considerados serviços essenciais durante a pandemia. Isto pôs em marcha inovações incríveis: Desde a entrega ao domicílio, até aos mercados de passagem, apenas para dar um vislumbre. Este novo apoio permite-nos mergulhar profundamente num lugar com uma rede promissora de mercados de agricultores - o Gana - e também alcançar amplamente com uma nova Academia de Mercados de Agricultores, bem como realizar novas pesquisas para o próximo relatório.

“E se começarmos a reacender a ligação entre o lugar, as pessoas e os produtos? Juntos, podemos reconfigurar as prioridades de compra para cultivar a ecologia das economias locais.”

Poderia partilhar connosco a sua perspetiva sobre como promover sistemas alimentares sustentáveis e resilientes?

Como instrumentos de comércio, o sucesso do mercado é geralmente pensado em termos de receitas brutas e volume. E se, em vez disso, avaliássemos a eficácia de um mercado para mudar o comportamento dos consumidores, educar as empresas agrícolas e reduzir a erosão do solo ou o consumo de água? Quanto mais consideramos os mercados públicos como locais de aprendizagem, mais cedo reconhecemos e investimos no seu poder para promover a resiliência e a sustentabilidade. Embora os mercados agrícolas possam representar uma pequena parte do ecossistema do mercado em termos de volume de vendas, são também extremamente influentes.

Por exemplo...

- Bangladesh: O confinamento provocado pela COVID-19 perturbou as rotas de fornecimento de vegetais frescos. Isto não acrescentou valor a um sector que se debate com o manuseamento pós-colheita num clima quente. Desesperados por alimentos com antioxidantes saudáveis, os consumidores puderam recorrer a compras diretas a agricultores que transportaram os produtos para a cidade. Este contacto direto melhora as margens de lucro dos agricultores e proporciona aos consumidores oportunidades de questionar os agricultores sobre técnicas de cultivo, produtos químicos, etc. A transparência recompensa tanto os agricultores como os consumidores.

- América do Norte: Programas de transferência de dinheiro condicional, como GusNIP e FMNP (links para informações adicionais abaixo), podem fornecer aos consumidores vulneráveis recursos modestos para comprar frutas e legumes locais; contudo, os resultados indicam que os consumidores participantes compram mais frutas e legumes do que o comprador médio. Estes programas de compras individuais são a ponta para as compras públicas por grosso. O que aprendemos aqui pode ajudar-nos a remodelar as compras feitas pelas cantinas para a melhoria das comunidades rurais.

- A nível mundial: Traumas e desastres que assolam comunidades em todo o mundo reduzem a vida à sobrevivência básica. Uma vez que os mercados agrícolas são capazes de se moverem rápida e criativamente durante a guerra, na sequência de incêndios e inundações, ajudam os consumidores a migrar de vítima para protagonista. Este processo é muitas vezes difícil de alcançar; e, no entanto, é fundamental restaurar a normalidade na vida cívica. Mesmo quando os incêndios estão a decorrer, podem ser montadas tendas e guarda-chuvas para facilitar o comércio. Os agricultores recomeçam a ganhar dinheiro, enquanto os consumidores reequilibram a tomada de decisões em torno das escolhas. Aqui, o conhecimento em resiliência pode ser transferido de/para o trabalho com refugiados e ajuda em catástrofes. É importante notar que, quando o armazém de alimentos de um território é dizimado por uma catástrofe, as oportunidades de juntar forças com aliados e infraestruturas externas são valiosas.

A Coligação Mundial de Mercados de Agricultores, foi um dos coorganizadores do webinar «Construir sistemas alimentares sustentáveis e resilientes: Integrar Sistemas de Mercado no Centro das Ligações Urbano-Rurais»: o que pensa sobre o evento e as ações futuras que poderiam ser implementadas?

O nível de interesse é profundamente motivador. Há muito que os mercados públicos estão ausentes das discussões sobre resiliência. Porquê? Será porque são tão omnipresentes que são considerados parte da paisagem, e por isso quase invisíveis? Ou será que os decisores têm confundido eficiência com suficiência?

O que aprendi com o webinar é que dentro do ecossistema dos mercados públicos, somos mais semelhantes do que desiguais. Quando externalizamos decisões chave sobre como os alimentos serão cultivados, distribuídos e vendidos a mercados privados e consolidados, então externalizamos todos os custos que, muito francamente, nos custam a Terra.





Quanto mais cedo mapearmos os principais bens, como as hortas de mercado e o conhecimento que elas contemplam, mais cedo poderemos reconfigurar o fluxo de capital, alimentos e outros recursos naturais para resultar numa distribuição mais equitativa. A magia dos mercados públicos é que - quando geridos com transparência - trazem centenas de milhares de decisões diárias para o exterior. Só então fornecemos aos consumidores e atores-chave - do campo à mesa - informação adequada para tomar decisões sobre como o mercado serve todos (e não o contrário).

Qual é, na sua opinião, a importância que têm as ligações urbano-rurais? De que forma pensa que os mercados poderiam sustentar o continuum urbano-rural?

23

As nossas vidas tornaram-se terrivelmente segmentadas. Uma vez, maravilhámo-nos ao encontrar produtos à venda que teriam sido habitualmente considerados fora de época. Notícias suficientemente espetaculares para desencadear um intenso debate, hoje em dia, nada pensamos sobre isso. Ainda mais preocupante é que pensamos ainda menos sobre o destino das comunidades agrícolas que residem fora das cidades. Porquê pensar nelas? Afinal de contas, as rotas globais de abastecimento contornam-nas? E se, em vez disso, começarmos a reacender a ligação entre o lugar, as pessoas e os produtos? Juntos, podemos reconfigurar as prioridades de compra para cultivar a ecologia das economias locais. A compra e o consumo de alimentos é diário. Estes padrões quotidianos têm o poder de recalculer os custos de contornar os territórios para a maioria da nossa alimentação. É claro que há lugares no planeta onde os sistemas alimentares territoriais têm permanecido a norma. Podemos aprender com estes lugares, e podemos observar a saúde dos alimentos de um território nos mercados. Está tudo em exposição para contar uma história de ligações urbano-rurais ou de divisão urbano-rural. A este respeito, os mercados são tanto o espelho como o martelo.

“Quanto mais consideramos os mercados públicos como locais de aprendizagem, mais cedo reconhecemos e investimos no seu poder para fomentar a resiliência e a sustentabilidade!”

A Coligação Mundial de Mercados de Agricultores e a WUWM partilham muitos objetivos. Como pensa que as nossas organizações poderiam trabalhar em conjunto/ fomentar as suas atividades em conjunto?

Partilhamos tantos objetivos. Em princípio, ambos nos preocupamos em equilibrar dignidade com eficiência, comer com agricultor e comunidade com comércio. Se começássemos a subscrever conceitos em conjunto, como o único agrónomo visionário que John Ikerd promove, «a alimentação como utilidade pública», então elevamos os aspetos públicos do mercado como centrais. Os investimentos na alimentação devem ser feitos para servir o bem público, mas não devem ser feitos sem o contributo do público. Do nosso ponto de vista comum, isto começa no piso do mercado, onde a concorrência é gerida ao ar livre. Isto inspira confiança.

Por onde é que começamos? E se as nossas duas organizações comessem a mapear onde existem diferentes tipos de mercados públicos em territórios municipais (como promove o programa Cidades de Mercado)? E se partilharmos as melhores práticas na gestão da segurança alimentar, da concorrência e da curadoria de espaços públicos? E se identificarmos mercados vulneráveis e defendermos a sua defesa? Ambos acreditamos firmemente nos benefícios públicos para as nossas instituições relacionadas. Vamos içar juntos os dosséis do comércio. Temos mais o que nos une, do que o que nos divide.

Informação:

Luke Tay,

Singapura, membro do FutureScapes e organizador da conferência asiática «Simpósio Alimentar» dá-nos a sua visão sobre os desafios e oportunidades mais prementes para a segurança alimentar global e para assegurar a sustentabilidade no nosso sector.

24

Tivemos o prazer de entrevistar Luke Tay, que recentemente lançou o «Simpósio Alimentar» em Singapura a fim de abordar questões emergentes, e os desafios e oportunidades mais prementes para a segurança alimentar global. Na nossa entrevista, tentámos aprofundar estes tópicos explorando as características dos sistemas alimentares sustentáveis, as estratégias necessárias para o seu desenvolvimento, os impactos da pandemia Covid-19 nos ambientes alimentares, mas também o papel desempenhado pelos governos e pelo sector grossista. Além disso, o Sr. Tay deu-nos uma perspetiva regional para o que diz respeito à situação vivida pela Ásia.


Poderia explicar brevemente aos nossos leitores, como, na sua opinião, podemos avaliar a sustentabilidade de um sistema alimentar?

Avaliar a sustentabilidade não se trata de fazer 'check' numa lista de coisas boas, mas de conceber e promover uma ligação entre o apoio mútuo de bons resultados. Significa entregar:

- segurança alimentar e nutrição para todas as pessoas, independentemente da sua situação socioeconómica, como base para uma sociedade saudável e uma cultura alimentar vibrante;
- um amplo retorno para as empresas, trabalhadores, pequenos proprietários, comunidades, e investidores que mantêm o sistema em funcionamento;
- a coexistência, tanto quanto possível em harmonia e equilíbrio com o ambiente natural - incluindo através da limitação das emissões, perdas, resíduos e da pegada ambiental global do sistema alimentar, e maximizando os benefícios e resultados regenerativos sempre que possível.

Sustentabilidade significa pensar sistematicamente, incluindo através do espaço - em última análise globalmente - e do tempo - em efeitos de ondulação intergeracionais, de segunda e terceira ordem - sobre as implicações holísticas, escala e impacto de cada nova intervenção ou mudança. Para as pessoas, produtores, e planeta.





Pensa que a COVID-19 é um alerta para reforçar a nossa cadeia de abastecimento alimentar? Em caso afirmativo, porquê?

A COVID-19 veio juntar-se a anteriores sinais de alarme sobre a Emergência Climática e as falhas de colheitas e crises migratórias relacionadas, outras ameaças interligadas à saúde humana e animal, incluindo a resistência antimicrobiana e a falta de cooperação internacional para as enfrentar. A própria COVID-19 serviu como um «sinal de alarme» letal que ainda está a tocar em todo o mundo, deixando milhões de mortos, mas muitas vezes mais ainda «adormecidos» em inação, negação, distração ou meias-medidas. O explosivo, cinético, alarme do conflito em curso na Europa, e as suas manifestas e múltiplas consequências para a segurança alimentar global, pode muito bem ser a crise de que o mundo precisa em conjunto com a COVID-19 para, em conjunto, fazer pender o equilíbrio a favor de uma ação séria para reforçar a segurança alimentar.

Para mim, os principais sinais de alerta para o sistema alimentar mundial são os seguintes:

25

- 1) tornar o abastecimento mais resistente a todos os níveis, incluindo através da avaliação e aproveitamento do potencial das cadeias de valor da produção alimentar nacional e subnacional, sempre que tal seja agronomicamente viável. Isto é, como um complemento e não como um substituto para fluxos alimentares transfronteiriços e internacionais mais vastos;
- 2) renovar os hábitos, valores e perspetivas do público alimentar global, de modo a decretar uma mudança na procura para um prato mais verde e saudável, e aumentar a participação direta no sistema alimentar, por exemplo, através de mais agricultura doméstica e comunitária; e
- 3) aproveitar a tecnologia, a política e a colaboração entre as partes interessadas e internacionais para efetuar «1)» e «2)».

“Avaliar a sustentabilidade não se trata de fazer ‘check’ numa lista de coisas boas, mas de conceber e promover uma ligação entre o apoio mútuo de bons resultados.”

No “Simpósio Alimentar” que organizou afirmou que existem inovações tecnológicas que podem tornar os nossos sistemas alimentares mais eficientes e resistentes ao clima em todos os níveis da cadeia. Poderia partilhar alguns exemplos?

Há uma variedade crescente de inovações tecnológicas, operacionais e sociais que podem alcançar um sistema alimentar mais sustentável. Várias tecnologias de «agricultura de precisão» estão a ser desenvolvidas e escalonadas que reduzem a quantidade de energia, água e produtos químicos necessários para o cultivo de culturas, para uma melhor produtividade dos recursos e uma pegada terrestre e ambiental mais limitada. Os sensores monitorizam as condições do local e das culturas em tempo real e indicam os tipos e quantidades corretas de insumos no local certo, exatamente como é necessário. Para além da utilização frugal de insumos, uma inovação que está a ser experimentada, incluindo na UE, é a agrovoltaica - o cultivo de alimentos e o aproveitamento da energia solar em conjunto numa instalação integrada. Uma solução atualmente a ser testada na Arábia Saudita visa mesmo condensar água no lado oposto da superfície solar - produzindo assim alimentos, energia e água numa instalação unificada.

Em segundo lugar, como alternativa à pecuária terrestre, a aquacultura de alta tecnologia é cada vez mais promissora, com uma eficiência de conversão alimentar de cerca de 5x a da carne de vaca, com emissões muito mais baixas. Mais sustentável do que a pesca de captura, a aquacultura em escala e sistemas de cultivo aquapónicos de plantas-peixe mais elaborados, num ciclo fechado de nutrientes, possuem um grande potencial.

Em terceiro lugar, a redução das perdas alimentares tanto antes como depois da entrada da exploração é fundamental. Isto envolve uma série de tecnologias, incluindo a deteção precoce de doenças de animais e plantas e condições meteorológicas severas iminentes, para que os aquicultores possam tomar medidas para limitar os danos, a fim de desenvolver soluções de cadeia de bloqueio para salvaguardar a integridade dos fluxos de alimentos. A reciclagem de subprodutos que anteriormente eram descartados também tem grande valor, por exemplo a utilização de cascas de fruta, pão usado e arroz descartado para fazer cerveja, ou subproduto okara do processamento de soja em snacks altamente nutritivos.

Embora tenham atraído alguma preocupação e controvérsia, as técnicas de edição do genoma têm um potencial transformador para desenvolver calor mais «climático», secas e estirpes resistentes a pragas. Com a regulamentação baseada na ciência e no risco em diálogo tanto com a indústria como com a sociedade civil, o caso da segurança, bem como a «licença social» para tais soluções, pode melhorar significativamente a agricultura vegetal e animal.

Finalmente, e talvez de forma mais decisiva, as pessoas como cidadãos alimentares são o fator decisivo - nas suas escolhas de consumo, participação na produção de alimentos e na sua defesa na comunidade e nos domínios políticos. Uma «tecnologia» e inovação social chave seria capacitar os habitantes urbanos e suburbanos a agir positiva e poderosamente em todas estas funções: através de soluções que ajudem as pessoas a fazer escolhas alimentares e nutricionais informadas; que as empurrem para pratos mais verdes que canalizem tanto as suas culturas alimentares como as suas aspirações de estilo de vida; e que as ajudem a realizar economias alimentares familiares e comunitárias altamente circulares, limitando o desperdício e produzindo mais dos seus próprios alimentos - como a última ou melhor, a primeira milha da segurança alimentar em camadas. Várias tecnologias já ajudam a fazê-lo, nomeadamente as tecnologias da informação como a Internet e a crescente variedade de aplicações agroalimentares informativas, tanto para agricultores profissionais como para outros.

Quais são, na sua opinião, os principais desafios para alcançar sistemas alimentares sustentáveis na Ásia?

Da pesquisa em que o Simpósio se baseou, e da minha investigação e envolvimento mais amplos, um tema chave é a pressão da emergência climática global, como experimentada pela Ásia, dada a sua geografia e demografia particulares. Grande parte da Ásia é litoral, com o aumento do nível do mar, a ameaça de cheias e o aumento da salinidade que afeta a produção, particularmente de produtos de base. Grande parte do interior da Ásia pode ser afetado em conjunto por crises hídricas, como por exemplo devido ao derretimento dos glaciares dos Himalaias, que tinham sustentado grandes sistemas fluviais.

O desafio é tanto mais agudo pois a Ásia representa 60% da população mundial, mas apenas 30% da sua massa terrestre. No entanto, este desafio é também o ímpeto para o engenho. A inovação agroalimentar surgiu como um foco da indústria e uma prioridade política em toda a região. Embora as pressões da COVID-19, bem como os choques e fissuras geopolíticas, tenham colocado um prémio para uma maior autossuficiência, um desafio é olhar para além desses paradigmas insulares para promover uma maior cooperação multilateral do sistema alimentar a nível regional e não só - teias alimentares mais amplas para complementar medidas de maior resiliência na frente doméstica.

Uma oportunidade chave aqui é como podemos aproveitar os mares e oceanos da Ásia de forma sustentável para uma maior segurança alimentar para a região e para o mundo. Tudo, desde os manguezais costeiros que são poderosos sumidouros de carbono e barreiras de inundação, bem como potenciais fontes alimentares, à aquacultura costeira e de alto mar e à maricultura - ervas marinhas e algas marinhas, mais uma vez tanto comestíveis como com potenciais benefícios de mitigação do clima. Para o conseguir, o desafio da mobilização de tecnologia, capital e cooperação multilateral terá de ser enfrentado e superado.

Garantir sistemas alimentares sustentáveis pode também implicar uma mudança para melhores práticas alimentares em todo o mundo. Qual é, na sua opinião, o papel que os governos poderiam desempenhar para fomentar esta evolução?

No meio de uma aparente permacrise global, os governos de todo o mundo estão a tornar-se extremamente sensíveis à insegurança alimentar como uma ameaça ao bem-estar e à estabilidade socioeconómica e como uma vulnerabilidade chave numa era de contestação geopolítica crescente. Não podemos produzir a nossa saída para estes dilemas: embora as medidas do lado da oferta sejam fundamentais, a formação da procura será, em última análise, decisiva, particularmente dadas as pressões da emergência climática.

O relatório do Grupo de Trabalho 3 do Painel Intergovernamental sobre Alterações Climáticas (IPCC) publicado no início de abril de 2022 apontou a importância da tomada de decisões relacionadas com os alimentos a todos os níveis para reduzir as emissões globais. A mudança social, cultural e comportamental, entre outras medidas «do lado da procura», poderia resultar num sistema alimentar de meados do século com 40-70% menos emissões do que os cenários de base.





E os governos têm uma grande variedade de poderes e capacidades para moldar a procura - desde alavancas educativas e informativas, a impostos, subsídios e incentivos para encorajar escolhas mais ecológicas e refrear o desperdício de alimentos, e mesmo, em última análise, refrear ou proibir abertamente as formas mais emissivas de consumo - enquadrando a carne de vaca, por exemplo, como o «novo tabaco». As «nações inteligentes» com sistemas de «crédito social» podem, por exemplo, sentir, recompensar e punir estilos de vida (ir)responsáveis do ponto de vista ambiental, com um forte ênfase nas escolhas alimentares, consumo e desperdício. Imagine-se envergonhado publicamente num cartaz virtual na praça da cidade por comer a mais, ou a desfrutar de créditos de prémios de seguros de saúde por consumir verduras.

Certamente, existem questões importantes em torno das empresas e dos meios de subsistência dos sectores implicados, em torno de questões de liberdade e em torno da garantia de que os novos estilos de vida alimentares desejados são acessíveis e que os alimentos preferidos estão amplamente disponíveis, atraentes e nutritivos. Também aqui o Estado tem um papel fundamental, na convocação e apoio às tecnologias, produção e cadeias de abastecimento transfronteiriças para tais alimentos, e talvez ainda mais crucial, na articulação e mediação de consensos sobre o caminho desejado entre diferentes partes interessadas e interesses públicos e industriais.

E quanto ao sector da distribuição? E, particularmente, qual é, na sua opinião, o papel que os mercados grossistas de alimentos frescos podem ter?

Num futuro em que as cadeias de abastecimento mundiais sejam complementadas por uma produção alimentar mais ampla e profunda, mais próxima da procura, o sector da distribuição tem um papel fundamental a desempenhar na adaptação e facilitação da transição. O transporte de longo curso de alimentos, rações e insumos terá de se tornar mais ecológico e proporcionalmente menos dependente. As cadeias de frio terão de ser robustas no meio do aquecimento global, mas muito mais eficientes do ponto de vista energético. Num mundo perturbado por uma série de convulsões, as redes de transporte e logística terão de se

tornar muito mais antecipatórias e adaptáveis, auxiliadas pela inteligência artificial (IA) e pelos regulamentos governamentais e culturas empresariais que preferem «just-in-case» a «just-in-time».

As cadeias de abastecimento e logística rural-urbana, urbana-periurbana e interior das cidades serão cada vez mais a espinha dorsal para fluxos alimentares eficientes através de bacias alimentares mais ecológicas e mais localizadas. Aqui, o crescimento do comércio eletrónico catalisado pela COVID-19 tem empurrado as fronteiras tecnológicas, logísticas e do modelo empresarial em direções vantajosas para o futuro dos alimentos.

Os mercados grossistas de alimentos frescos serão a chave neste futuro alimentar mais verde e mais localizado, servindo como ponte vital entre produtores, incluindo pequenos agricultores de todas as cidades-regiões e mais localidades rurais, por um lado, e retalhistas de alimentos de pequena escala e vendedores do mercado de vizinhança, por outro.

Num mundo de comércio eletrónico em crescimento, os mercados grossistas prosperarão se forem agregadores e intermediários de confiança entre produtores conhecidos de boa reputação e empresas eletrónicas que recolhem e expedem cestos à medida de produtos frescos e nutritivos em enxames de zangões para um milhão de lares. Esta será uma parceria entre tradições estabelecidas e as mais recentes tecnologias de informação, garantia e logística.

Embora principalmente locais B2B, os mercados grossistas híbridos serão também locais onde os «cidadãos do sector alimentar» poderão ligar-se diretamente aos seus produtos, conduzindo a melhores oportunidades de negócio, seja a partir de compras a granel, eventos alimentares e espetáculos de «feiras do concelho», ou de F&B e «escolha as suas próprias» quintas de produtos. À medida que as sociedades se inclinam mais para os estilos alimentares redutores, «de planta em diante» (o que certamente não equivale apenas a carne à base de plantas!), podemos ver uma floração de mercados de alimentos frescos como destinos únicos para as necessidades alimentares tanto das famílias como das empresas.

Em eventos:

A WUWM participou na primeira reunião do Grupo Consultivo Multilateral sobre Cadeias de Abastecimento Agrícolas Responsáveis da OCDE-FAO.

Temos o prazer de anunciar que a WUWM foi selecionada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) e pela Organização para a Alimentação e Agricultura (FAO) para se juntar ao Grupo Consultivo Multilateral sobre Cadeias de Abastecimento Agrícolas Responsáveis.

A WUWM participou no dia 28 de abril na primeira reunião do Grupo Multilateral. Esta plataforma única e inovadora reúne importantes atores do sector e tem como objetivo criar um novo espaço que possa atuar como alavanca para desenvolver cadeias de valor alimentar sustentáveis e responsáveis de sucesso. A plataforma servirá também para acompanhar a implementação das normas internacionalmente acordadas de Conduta Empresarial Responsável (RBC) e para partilhar experiências para prevenir impactos adversos das atividades da cadeia de valor agrícola como forma de contribuir para o desenvolvimento sustentável.

As reuniões do Grupo Consultivo (AG) terão lugar três vezes por ano. A primeira metade de cada reunião será de âmbito técnico e de aprendizagem avançada sobre os desafios globais em matéria de aprovisionamento responsável na agricultura, permitindo aos membros partilhar conhecimentos e experiências na abordagem desses desafios. A segunda reunião terá lugar em junho ou julho.

A WUWM está empenhada em promover e implementar a Orientação da OCDE-FAO e as suas recomendações e trabalhará de forma construtiva com todos os interessados para atingir este objetivo.

Fique atento para obter mais informações sobre o trabalho do Grupo Consultivo!

No mundo da WUWM

5-7 abril — «WUWM - Europa» participou na feira de produtos frescos 'Fruit Logistica' em Berlim, Alemanha

7 abril — "WUWM - Ásia" reuniu-se com a rede global de bancos alimentares para explorar colaborações na Ásia

19 abril — A WUWM participou na rede Técnica de Peritos Municipais em Mercados Urbanos de Alimentos da FAO

21 abril — A WUWM coorganizou o webinar «Construir sistemas alimentares sustentáveis e resilientes: Integrar Sistemas de Mercado no Centro das Ligações Urbano-Rurais»

26-28 abril — WUWM Europe participated in the Seafood Expo Global 2022 (SEG) in Barcelona, Spain. A "WUWM - Europa" participou na Seafood Expo Global 2022 (SEG) em Barcelona, Espanha

28 abril — A WUWM participou na primeira reunião do Grupo Consultivo Multilateral da OCDE-FAO sobre Cadeias de Abastecimento Agrícolas Responsáveis

28



About WUWM:

We aim to facilitate access to healthy diets for everyone in the world by delivering more sustainable, inclusive, and high-quality fresh food supply systems. We exchange ideas, share best practices and cooperate with our partners in international organizations, governments, businesses, and the public.

